

ESCOLA E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: UM ESTUDO DE CASO ENTRE ALUNOS DE UMA TURMA DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE MAUÉS

Geisinará Leda Barbosa (UEA/NESMAU)
Maria Celeste de Souza Cardoso (UEA/NESMAU)

RESUMO: O presente artigo visa evidenciar os aspectos de preconceitos linguísticos no meio escolar entre alunos de 6º ano de uma turma do Ensino Fundamental. A relevância desse estudo é justificada pelo fato de o referido tema ainda não ter sido abordado de forma adequada na escola a qual ainda está ligada a errônea ideia de recriminar as variações linguísticas, insistindo em ensinar apenas a variedade tida como padrão. Essa pesquisa vem buscando compreender essas complicações linguísticas e até que ponto elas podem prejudicar o aluno. Buscando evidenciar os preconceitos existentes entre falantes de uma variedade padrão e uma variedade não padrão e trazendo assim a importância de conscientizar os alunos, que o preconceito linguístico se dá pela ignorância de não aceitarmos as várias línguas que existe em nossas regiões. A pesquisa é de natureza qualitativa, pois busca-se compreender como se dá esse fenômeno em sala de aula. Como método de procedimento utilizou-se o estudo de caso, o tipo de pesquisa foi o bibliográfico e a pesquisa de campo. A pesquisa foi embasada pelos seguintes teóricos: Antunes (2009), Bagno (1999), Bakhtin (1997); e outros. Entendemos assim que o reconhecimento da existência de muitas variações linguísticas está ligado ao contexto social que o aluno está incluso e que as escolas devem entender que é de suma importância a associação dessas variações e entender que as normas não-cultas não devem ser objetos de preconceito, mas sim respeitadas como elementos importantes da comunicação..

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito Linguístico; Escola; Ensino Fundamental; Estudo de Caso.

ABSTRACT: This article aims to highlight the aspects of language bias in the school environment among 6th grade students in a class of elementary school. The relevance of this study is justified by the fact that this theme has not yet been adequately addressed in the school which is still linked to the mistaken idea of reproaching linguistic variations, insisting on teaching only the variety taken as standard. This research has sought to understand these language complications and the extent to which they may harm the student. Seeking to highlight the existing prejudices between speakers of a standard variety and a non-standard variety and thus bringing the importance of making students aware, the linguistic prejudice is due to the ignorance of not accepting the various languages that exist in our regions. The research is qualitative in nature, as it seeks to understand how this phenomenon occurs in the classroom. As a method of procedure we used the case study, the type of research was bibliographic and field research. The research was based on the following theorists: Antunes (2009), Bagno (1999), Bakhtin (1997); and others. Thus we understand that the recognition of the existence of many linguistic variations is linked to the social context that the student is included in and that schools should understand that the association of these variations is of paramount importance and understand that non-cultured norms should not be objects of prejudice. but respected as important elements of communication.

KEYWORDS: Language Prejudice; School; Elementary School; Case Study.

INTRODUÇÃO

A variação linguística é um dos fenômenos que acontece tanto com a língua portuguesa quanto as demais línguas, isso decorrer do grande contingente de tipos linguísticos e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. O processo educacional possivelmente é um dos mais afetado pelas relações pessoais e sociais entre professores e alunos, e de alunos com alunos. No município de Maués, o trânsito das famílias da zona rural para zona urbana é bastante frequente, o que nos leva ao seguinte questionamento: Há

preconceito linguístico entre alunos oriundos da zona rural e os da zona urbana no ambiente escolar?

Acima dessa problemática, neste artigo busca-se compreender os motivos pelos quais a variação linguística é alvo de preconceito no ambiente escolar, sendo assim, há necessidade de identificar os falantes tanto da variedade padrão quanto não-padrão, a fim de esclarecer que a hostilidade linguística é de fato ignorada pela sociedade. Sobre o preconceito linguístico Rigonato ressalta que:

É importante observar que toda variação linguística é adequada para atender às necessidades comunicativas e cognitivas do falante. Assim, quando julgamos errada determinada variedade, estamos emitindo um juízo de valor sobre os seus falantes e, portanto, agindo com preconceito linguístico (RIGONATTO, 2017, p.01).

Geralmente, isso ocorre pelo desconhecimento de determinadas palavras, no entanto, uma simples expressão regional como “ARIGÓ”, por exemplo, pode ser considerada uma palavra “errada”, uma vez que é algo desconhecido para a sociedade afora. Segundo Perez (2015), as variações ocorrem em razão de o princípio fundamental da língua ser a comunicação, por isso é compreensível que seus falantes façam o uso de readaptações em determinadas palavras, entretanto, isso é ligado de forma direta às suas necessidades comunicativas.

O desenvolvimento da pesquisa de campo realizada no âmbito da escola partiu do objetivo de identificar dentro da sala de aula condutas preconceituosas contra alunos oriundos de zona rural. Desta forma, é importante compreender como se dá o processo de preconceito linguístico alicerçado nas entranhas da gramática normativa, a qual é vista por muitos profissionais como a perfeição da linguagem.

A metodologia adotada iniciou a partir da pesquisa qualitativa, uma vez que seu foco está relacionado ao caráter subjetivo do objeto ou grupo analisado, investigando as suas características e experiências individuais. O objeto utilizado para coletar dados foi através de questionários, no qual estão inclusas algumas questões de caráter objetivo associadas à variação linguística, o intuito é identificar os alunos que fazem uso dessas variações.

No decorrer do artigo serão explanados os principais pontos sobre a variação linguística, sendo eles: Variação Linguística: O que é? Preconceito Linguístico: Conceitos e como acontece e A variação linguística e o preconceito nas escolas do Ensino Fundamental. Em cada tópico será apresentado seus principais pontos como conceito e como acontece.

Posteriormente, é explicado sobre a metodologia e as estratégias aplicadas, por fim são apresentados os resultados da pesquisa e as considerações finais.

Portanto, espera-se que os objetivos propostos sejam alcançados, sendo eles: Mostrar se há preconceito sobre alunos da zona rural pelas suas variações linguísticas; identificar o uso de variações lexicais dos alunos oriundos da zona rural em sala de aula e verificar se os aspectos social e econômico influenciam nos possíveis preconceitos linguísticos de alunos migrantes da zona rural para zona urbana.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: O QUE É?

A variedade linguística está ligada às renovações que uma língua exprime em razão das condições sociais, culturais e regionais. Segundo Ribeiro (2014), o português no Brasil dispõe de uma grande diversidade de variedades linguísticas, que resultam das diferenças sociais efetivadas na língua no decorrer da história. A variação não é um processo sujeito ao livre arbítrio de cada falante, que se expressaria, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico.

Segundo o IBGE (2010), geograficamente o Brasil é composto por 5 regiões, cada uma com suas especificidades e características próprias de se dizer a mesma coisa de diversas maneiras com o mesmo valor de verdade, e oficialmente tendo a Língua Portuguesa como língua oficial, a língua é a forma que qualquer ser humano usa para expressar suas ideias e se comunicar com outros indivíduos e passa de um indivíduo para o outro, de uma geração a outra.

“A língua se deduz da necessidade do homem de se expressar, exteriorizar-se, a essência da língua de uma forma ou de outra, resume a criatividade espiritual do indivíduo” (BAKHTIN, 2003, p.289). A língua é um instrumento universal, pois sua formação parte da cultura de um povo, ou seja, é a identidade do que são, como ponderam e se expressam, sendo assim, a uma equivalência tanto no quesito de distinguir o outro quanto a forma que interagimos com os seres em geral. Sabemos ainda, que qualquer língua é um recurso natural essencial para seus usuários, assim, somos todos seres falantes, estamos continuamente remodelando nossas crenças e valores através da fala no curso do nosso convívio diário.

Uma das dificuldades denotada na língua é a questão de não haver regras como imaginamos, pode haver algumas variações, nessa concepção a língua só pode ser vista como um conjunto sistemático heterogêneo. Em contrapartida, quem se prestar a ver a organização da língua com olhar mais demorado, ficará impressionado com a natureza ordenada e estruturada

de todas as variedades dela e condenaria impressões equivocadas e, às vezes, preconceituosas, como a de existência de estruturação aleatória, submetida à vontade de cada falante.

Corroborando com este mesmo ponto de vista, Sá (2007, p.10) diz que “não obstante, entendermos que essas formas variadas decorrem da incomensurável riqueza de podermos fazer uso da linguagem articulada, é comum nos confrontarmos com o espanto e o desconcerto de muitos em face de nossa condição de variabilidade linguística”. Desta forma, compreende-se que a língua está ligada à condição humana de comunicar-se, ao longo dos anos ela vai adquirindo novas adaptações aos mais diferentes contextos comunicacionais, essa constante mudança é diferente da escrita, já que é algo consolidado e imutável. Mas, o que contribui com essa variedade linguística são as disposições geográficas, isto é, elas são o resultado direto da distância física entre os falantes; assim, pessoas que residem em lugares diferentes tendem a falar de modo diferente.

Portanto, Tarallo (1994), descreve que a variação não necessariamente implica mudança, mas toda mudança é sempre precedida de variação. A mudança linguística é universal, contínua, gradual e dinâmica, embora apresente considerável regularidade. Deste modo, uma variação utilizada por uma comunidade não é disforme muito menos errada, apenas segue seus padrões linguísticos, sendo viva, diversificada, heterogênea, além disso, é a identidade de seu povo, retratando seus costumes e cultura.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: CONCEITOS E COMO ACONTECE

O preconceito está ligado “apenas ao resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica” (BAGNO, 2007, p.13). Assim como há preconceito sobre o negro, a sexualidade, a religião, subsiste também o preconceito linguístico, onde qualquer pessoa é julgada pelo seu modo de falar. Isso ocorre devido ao desconhecimento da variação linguística, ou seja, a determinadas comunidades que possuem diferentes modo de falas, pois varia dependendo de seus costumes e cultura, conseqüentemente, uma pessoa que não pertence a este meio pode julgar como feio ou errado a maneira como falam.

Tal preconceito situa-se na questão de uma língua padrão, no caso, a ensinada nas escolas e a não-padrão, na qual, a decorrência de variação linguística, desta forma, existe essa distinção chamada caos linguístico, o qual de acordo com Tarallo (1994), é justamente a presença de mais de uma variação existente numa sociedade. A variação linguística, portanto, é inerente a toda e qualquer língua viva do mundo. Todavia, as línguas variam com o tempo tanto nos espaços

geográficos quanto social e isso depende muito da situação em que o falante se encontra. Bagno (2007, p.19) considera que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existira, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente as prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BAGNO, 2007, p. 19).

De um ângulo estritamente linguístico, cria-se uma espécie de conflito entre a língua de fato ensinada na escola, como referencial exclusivo, a variedade-padrão ou normativa, e o dialeto social que o aprendiz domina, de acordo com sua origem sociocultural. O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Tais declarações evidenciam o estranhamento que temos quando nos deparamos com o diferente do convencional, do que é tido como único e invariável (BAGNO, 1999).

Segundo Bagno (1999), as pessoas sem instrução falam tudo “errado”, no entanto, essa visão é típica de pessoas que não entendem que a língua é dissociada da escrita, não passa de mero preconceito achar que o uso formal da língua pode lhes atribuir status, o que também é verdade, mas compreendemos que a língua é fruto da construção social de cada indivíduo e que diferentemente do que se pensa ser poliglota em sua própria língua é sinal de que o falante é atento e compreende o mundo a sua volta e com isso consegue adequar a diferentes contextos comunicacionais.

Portanto, assim como os defensores da gramática tradicional, existem pessoas que utilizam a norma culta como única e soberana e, acabam discriminando a norma não-padrão utilizada pela maioria da população brasileira. Tais pessoas agem de forma preconceituosa a despeito dessas variações por não conhecerem ou por ignorarem e acabam cometendo o engano de que a variação não-padrão é, estropiada, feia, errada e etc., e desconhecem que esta realidade está ligada diretamente a vários fatores linguístico e extralinguístico.

A VARIAÇÃO LINGUISTICA E O PRECONCEITO NAS ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo os PCNs (1998), a Língua Portuguesa, sobretudo a falada no Brasil, é dotada de uma variedade dialetal decorrente de seu espaço geográfico e social. No entanto, acontecem

preconceitos decorrentes dos aspectos sociais que são incorporados aos diferentes modos de falar, o que inevitavelmente leva as variações linguísticas de menor prestígio a serem consideradas inferiores ou erradas.

Neste sentido, o papel da escola deve estar voltado para desenvolver nos alunos o respeito pela diferença, pois “[...] é importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana”. (PCNs, 1998, p.82).

No ensino tradicional de língua portuguesa, elegem-se o correto e o incorreto como critério único no tratamento da variação, entretanto, cada indivíduo traz consigo uma maneira de falar, a linguagem das crianças precisa ser abordada do ponto de vista das identidades familiares e os pertencimentos geográficos, etários e sociais. Nesse caso, é a tarefa fundamental da pedagogia da língua materna: cumprir-lhe despertar a consciência do aluno para a adequação das formas às circunstâncias do processo de comunicação, com base no princípio de que, independentemente de seu contexto social de origem, toda criança é perfeitamente capaz de adquirir um sistema linguístico apropriado a todas as funções comunicativas a que este se destina.

Desta forma, Antunes (2009, p.35), compreende que “a língua é uma atividade funcional, isto é, as evidências nos dizem que nenhuma língua existe em função de si mesma, desvinculada do espaço físico e cultural em que vivem os usuários ou independente de quaisquer outros fatores situacionais”. Assim, compreende-se que é fundamental respeitá-las e ampliar a competência comunicativa de nossos alunos. Para isso, podemos proporcionar encontros prazerosos e significativos entre eles e a linguagem formal, em contrapartida, os PCNs ditam que:

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PNC, 1998, p. 25).

Percebe-se, nesse trecho, que se espera da escola a preparação do aluno para falar em público, em situações que não são de fato espontaneamente orais, mas previamente planejadas para serem enunciadas oralmente. Situações como entrevistas, seminários e debates costumam

ocorrer com mais frequência no próprio ambiente escolar. O ideal não é substituir um uso por outro, mas demonstrar aos educandos, a diversidade linguística que há no ambiente escolar. Nesse caso, não se pretende excluir a norma culta ou a padrão, mas conscientizá-los que podem ser competentes na língua portuguesa e reconhecerem os diversos usos da língua, inclusive o da norma padrão.

Portanto, o problema do preconceito disseminado na sociedade e na escola, principalmente, em relação às variações “deve ser enfrentado como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença” (PCN, 1997, p. 31). A escola deve, assim como o professor, propiciar ao aluno a liberdade de defender seus pontos de vista, de opinar, de respeitar as opiniões diferentes, só assim tais discentes serão capacitado e dominarão as diversas formas de se comunicarem, sem restringir a língua materna do aluno.

METODOLOGIA UTILIZADA

A metodologia adotada é de natureza qualitativa que auxilia o pesquisador no entendimento de determinados aspectos, pois o pesquisador tende a ter uma visão geral no ambiente bem como o contato direto com a realidade que se pretende pesquisar, desta forma Severino (2007, p.119), explica que a pesquisa qualitativa “faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas”.

O método de abordagem utilizado foi o hipotético-dedutivo, que leva o pesquisador ao mais alto grau de ceticismo sobre determinado assunto. Guedes (2016, p. 01) apresenta como ocorre o desenvolvimento desse processo investigatório:

1. Problema, que surge, em geral, de conflitos diante de expectativas e teorias já existentes.
2. Solução proposta consistindo numa conjectura (ou seja, numa nova teoria) e a dedução de consequências na forma de proposições que sejam possíveis serem testadas.
3. Testes de falseamento – tentativa de refutação, a partir de diferentes meios, como a observação e experimentação. É aqui que se eliminam os possíveis erros da pesquisa.

O Método de procedimento utilizado nesta pesquisa foi o estudo de caso, pois identificamos os casos de preconceitos linguísticos que ocorrem com alunos oriundos de zona rural ao adentrarem em escolas da zona urbana. Segundo Severino (2007, p.121), o estudo de caso é a “pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significamente representativo”.

As ferramentas de pesquisas adotadas foram a bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica como forma de suporte teórico necessário para o estudo de caso, por meio de autores e obras relacionadas ao tema de estudo, Marconi e Lakatos explicitam a importância da pesquisa bibliográfica em uma pesquisa:

Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. (MARCONI & LAKATOS, 2003, p.183).

A pesquisa de campo consiste em ir ao ambiente de estudo coletar os dados necessários para a compreensão da problemática que envolve o preconceito linguístico que ocorre com os alunos oriundos de zona rural, este método utilizado possui o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. Procura muito mais o aprofundamento das questões propostas (GIL, 2008). As técnicas de pesquisa utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa foram a observação direta e a entrevista.

A técnica de observação consiste em observar o ambiente escolar que neste estudo de caso teve como universo de pesquisa uma turma do 6º do Ensino Fundamental a fim de identificar se alunos oriundos de zona rural os quais são nossos sujeitos da pesquisa sofrem preconceito linguísticos, pois “[...] o pesquisador deve obter seus dados diretamente através de suas próprias observações dos fenômenos e deve perceber o que é significativo para o seu propósito ou seja, para sua pesquisa”(FONSECA , 2008 , p.109).

Por fim, foi aplicada também a técnica de entrevista que consiste em um instrumento eficaz para coletas de dados, o tipo adotado foi padronizada a qual seguiu um roteiro preestabelecido que “consiste em fazer uma série de perguntas para que se obtenham respostas para as mesmas perguntas. Perguntas a um informante, segundo um roteiro preestabelecido” (FONSECA, 2008, p.110),

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao realizar os procedimentos metodológicos desta pesquisa montou-se uma base de dados coletados, de uma classe distinta de alunos regularmente matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental em uma escola de rede pública de ensino da cidade de Maués-AM. Iniciando com

a aplicação de um questionário voltado para os alunos, visando observar a existência de preconceito linguístico ou não entre os alunos em sala de aula.

Abaixo na Tabela 1, são apresentados os dados da primeira questão, com relação ao questionário aplicado aos alunos:

Tabela 1: A existência de preconceito linguístico em sala de aula.

PERGUNTA	SIM	NÃO	PRINCIPAIS MOTIVOS	POR ALUNOS OU PROFESSORES?
Você já sofreu algum tipo de preconceito devido sua forma de falar	4 alunos	8 alunos	Na forma diferenciada de se falar determinadas palavras.	3 alunos por alunos 1 aluno por alunos e professores 8 alunos por familiares.

Fonte: BARBOSA/2019.

Na Tabela 1, observou-se que 4 (quatro) alunos afirmavam sofrer alguma forma de preconceito linguístico, principalmente na forma diferenciada de se pronunciar determinadas palavras, pois existe um alto grau de diversidade e variabilidade que gera diferenças regionais bastante conhecidas, que no entanto, pode gerar alguma forma de discriminação pela fala diferenciada (BAGNO, 2007).

Entende-se que o papel da escola deve estar voltado para desenvolver nos alunos o respeito pela diferença, pois é importante que o aluno aprenda e entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas da história humana e sua cultura (PCNs, 1998). Desta forma, compreende-se que a linguagem é um resultado do processo social do falante e que ele carrega consigo tais aspectos e a escola deve adequar sua fala aos diferentes contextos transitórios de fala a qual o falante está sujeito.

Quando indagados se o seu modo de falar alguma vez já foi corrigido de forma pedagógica, que para quem ouviu soou como “errada” os alunos responderam, de acordo com a Tabela 2:

Tabela 2: Correção na maneira de pronunciar.

SIM	NÃO
7 alunos	5 alunos

Fonte: BARBOSA/2019.

Do total desses indivíduos analisados, 7 alunos afirmaram que tiveram sua maneira de falar corrigida no âmbito escolar e por seus familiares. Sabemos que qualquer língua é recurso natural essencial para seus usuários, se alguém é falante de uma língua, este possui domínio sobre as formas de falar, pois em comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas de variações, já que falar é uma língua uniforme, sendo assim, é um mito que tem trazido consequências desastrosas. (BAGNO, 2007). Essa visão errônea leva a crer que somente a variedade padrão é aceitável, quando, na verdade, os diferentes registros devem estar condicionados a situações específicas de uso.

Entende-se como julgamento depreciativo e constrangedor contra a maneira de falar do outro, esse tipo de constrangimento atinge principalmente pessoas de baixa renda e de áreas rurais por sua maneira diferente de falar, isso acontece porque devido à falta de respeito pela maneira de falar do outro, geralmente, ocorre por desconhecimento por parte da população, já que só a uma forma correta de pronuncia em todo o Brasil, sendo a língua ensinada nas escolas e a explicada nas gramáticas (BAGNO, 2007).

Visando compreender o processo de interação dos alunos com os demais e como combatem o preconceito linguístico durante esse processo de interação, na Tabela 3, são apresentados a postura do professor diante desse ocorrido:

Tabela 3 - qual a postura do professor diante de variações linguística em sala de aula.

Você já foi excluído de um grupo de amigos por falar diferente?		Você faz algo para combater o preconceito?		O professor costuma corrigir suas variedades linguísticas?	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
5	7	7	5	4	8

Fonte: BARBOSA/2019.

Bakhtin (2003), afirma que a língua se deduz da necessidade do homem se expressar, ou seja, comunicar-se com os demais indivíduos pertencentes a sua comunidade linguística, então entende-se que o fato de se falar com variações em uma mesma língua não compromete o sentido do que se pretende enunciar, pois embora aparentemente a variação possa soar como erro aos ouvidos de pessoas preconceituosas e gramatiqueras a essência da informação está contida no seu processo da fala, o que não justifica sua exclusão por meio do preconceito que este indivíduo possa sofrer em grupos aos quais ele pertence ou venha a pertencer futuramente.

No que tange aos processos formativos, o professor deve assumir a postura de entender que todas as variações linguísticas são legítimas e próprias de cada indivíduo, muito embora o papel da escola seja de orientar os alunos em relação a linguagem padrão em suas formas orais e escritas (PCN, 1998).

Durante o processo de coletas de dado, observou-se que os alunos não foram comunicativos, devido à presença da pesquisadora em sala de aula, decorrente de ser uma pessoa que não fazia parte do cotidiano deles. Na sala observada, identificou-se 5 alunos de zona rural, em contato com esses alunos foi verificado que sofrem preconceito por sua maneira de fala diferenciada, que é conceituada como “errada” e com uma pronúncia “diferente”, causando um certo constrangimento para o aluno, principalmente quando este realiza a oralidade por meio de atividades de leitura. Uma vez que a carga cotidiana está incrustada na sua fala, automaticamente sua pronúncia fluirá como se ouve no seu dia a dia. Observando a rotina de sala de aula, identificou-se que os cinco alunos apresentam dificuldades no processo de interação com os demais alunos, pois nas atividades escolares em grupo os cinco alunos oriundos da zona sempre desenvolviam trabalhos juntos e nunca faziam parte dos demais grupos formados em sala de aula. As únicas formas de interação com os demais colegas e a professora se dava durante o processo da leitura e muitos deles se envergonhavam de fazer a leitura, o ato de comunicação entre alunos e professor tornou-se um fato de pouca intimidade, pois onde há situações que é inibido os estudantes de se expressarem, se desenvolve um bloqueio nessa interação. Desta forma, entende-se que os alunos que trazem consigo suas variações linguísticas tem a sua fala julgada por outros falantes, considerando que essa diferença é um defeito ou um erro.

Por conseguinte, aplicou-se uma entrevista com o professor de Língua Portuguesa da referida turma visando compreender sua concepção da existência ou não do preconceito linguísticos aos alunos oriundos da zona rural, aferindo as seguintes conclusões (Tabela 4):

Tabela 4: Aspectos específicos da fala dos alunos oriundos da zona rural e como pode acarretar o preconceito linguístico.

Perguntas	Acontece preconceito sobre os alunos de zona rural em relação a sua variação linguística?	Aspectos linguísticos específicos da fala de alunos oriundos da zona rural acarretam em algum constrangimento em sala de aula?
------------------	--	---

RESPOSTA PROFESSOR	Sim. Porque alunos da zona rural são tímidos e falam muito errado, mais tem alunos da zona rural que são esforçados e interessados em seus estudos, procuram falar melhor.	Sim. Porque muitos são indígenas e não conseguem acompanhar a linguagem da cidade.
---------------------------	--	--

Fonte: BARBOSA/2019.

Desta forma, entende-se que os alunos oriundos da zona rural carregam na sua maneira de falar variações linguísticas que os tornam tímidos pelo fato de falarem “errado”, pois tal fato inibe o processo de comunicação com os demais colegas e principalmente com o

professor que constrói em consonância com o aluno o conhecimento, mas isso não impede de alguns alunos serem esforçados para melhorar sua oralidade, assim como afirmam os PCN (1998), é importante que o aluno aprenda a oralidade padrão, mas que a escola entenda que as variações são legítimas e próprias da sua cultura. Essa que deve ser resguardada e principalmente respeitada pelos demais indivíduos.

Em relação aos aspectos linguísticos da fala dos alunos, o professor compreende que alguns pelo fato de serem indígenas não conseguem desenvolver a linguagem padrão, no entanto, ao acompanhar a referida turma não se conseguiu identificar alunos que se autodeclaravam de origem indígena, o que percebemos foi que a dificuldade da leitura interfere no processo da fala, pois descobrimos que a turma em estudo é de alunos repetentes por isso não conseguem desenvolver sua oralidade e acompanhar os estudos em sala de aula, como afirma o professor de língua portuguesa do 6º ano. Os aspectos de variações linguísticas estão mais ligados ao seu desenvolvimento social e seus grupos de contatos. Antunes (2009), explicita que a língua é uma atividade funcional e está ligada ao espaço físico e cultural onde está incluso o usuário da língua.

É notório que os aspectos sociais e econômicos são partes importantes no desenvolvimento da linguagem padrão, pois quanto mais acesso à educação de qualidade e um ambiente que propicie ao indivíduo aprimorar seus aspectos cognitivos, mais significativamente será seu aprendizado. E desta forma, a escola deve ser um ambiente que possa garantir ao aluno seu pleno desenvolvimento respeitando as especificidades de cada aluno, sendo assim, por meio da entrevista aplicada ao professor pode-se aferir as seguintes afirmações, evidenciadas na Tabela 5.

Tabela 5: Aspectos socioeconômicos sua influência no preconceito linguístico e como a variação linguística influencia na leitura e escrita dos alunos.

PROFESSOR	<p>Os aspectos sociais e econômicos influenciam nos possíveis preconceitos linguísticos sofridos pelos alunos que migram da zona rural para zona urbana</p>	<p>A variação linguística específica de alunos oriundos de zona rural tem influência na escrita e pela leitura desses alunos</p>
RESPOSTA PROFESSOR	<p>Sim. Porque geralmente influencia bastante o aspecto social e econômico, se o aluno é bem alimentado com certeza aprendizado e família bem estruturada ajuda muito.</p>	<p>Sim. Porque muitos têm dificuldade na leitura e escrita assim como fala escreve.</p>

Fonte: BARBOSA/2019.

É inegável afirmar que a condição social tem influenciado muito na condição de aprendizado dos alunos, pois os oriundos da zona rural estão inclusos em uma metodologia de ensino voltada para sua especificidade local completamente diferente dos alunos da sede do município, sem contar também que ao migrarem para a zona urbana são absorvidos por escolas que têm em sua clientela alunos de diferentes camadas sociais, mas que majoritariamente são alunos de classes menos abastadas. É importante ressaltar que os acessos a condições sociais melhores podem ser determinantes para definir um padrão que seja “aceitável” de educação.

Na tabela 6, são apresentados os dados com relação a valorização da fala de alunos oriundos da zona rural por parte da escola:

Tabela 6: De que modo a escola trabalha para preservar e valorizar a fala de alunos oriundos da zona rural.

Pergunta	Existe alguma estratégia de ensino da língua formal que possibilite aos alunos da zona rural a possibilidade de preservar seu modo de falar característico?	Embora exista a necessidade de se valorizar a linguagem formal, a fala característica dos alunos oriundos de zona rural é valorizada em sala de aula?
Resposta professor	Bem. Não é porque o aluno é da zona rural que vai continuar fala errado, mais sim lendo bons livros esse relacionar com os colegas e professores	Depende. Porque até mesmo alunos de zona urbana escrevem e falam errado precisam de muita leitura.

Fonte: BARBOSA/2019.

Ao adentrarem no âmbito escolar, os alunos trazerem consigo sua linguagem do convívio familiar a qual é confrontada com a norma padrão que a escola ensina e muitas vezes tida como “errada”, segundo o professor da turma, essa realidade só poderá ser diferente através de muita leitura de bons livros, no entanto, os PCNs (1998), ditam que as oralidades dos alunos devem ser articuladas com procedimentos metodológicos norteados por realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc.

Portanto, a necessidade de valorização da variante da língua dos alunos oriundos da zona rural, é dever da escola ensinar a língua padrão sem deixar de valorizar a variante que o aluno traz do seu cotidiano, variante essa que não pode ser reprimida ou desvalorizada no espaço escolar, o que a escola deve realizar é levar o aluno a utilizar a sua linguagem de acordo com o espaço formal e o não-formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que a variação linguística e o preconceito são um fato real na comunidade e no âmbito escolar, nos quais é caracterizada pela diversificação dos falares e recorrentemente devido à carência de conhecimentos entre alunos, falta de maturidade e informação de alguns profissionais do ensino, sendo assim, instruindo a prática do preconceito e intolerância linguística. Durante o desenvolvimento da pesquisa, não houve de nenhuma dificuldade por parte do professor da sala, já que o mesmo foi bem atencioso e curioso em relação ao tema da pesquisa.

No entanto, com os alunos foi um pouco complicado, pelo motivo de serem tímidos, com o decorrer da pesquisa houve necessidade de ajudá-los em algumas dificuldades dentro de sala de aula, com isso, aos poucos foram se entrosando. A partir desse momento, foi aplicado

os questionários, todos responderam alcançando bons resultados, entretanto, é notório que alguns alunos da zona rural sofrem preconceito, pelo modo de fala que eles trazem para sala de aula, causando assim, um certo constrangimento no momento de se comunicar com os demais colegas

Buscar a amenização desse problema requer bastante seriedade e conhecimento dos professores da língua portuguesa além de desmitificar e englobar a ideia do certo ou errado, então logo não existe errado ou certo, entretanto, à contexto ou situação comunicativa, a escola deve ser um ambiente interativo e zeloso pela pluralidade da língua e por isso compete aos educadores promover nas salas de aulas debates acerca das variações e formas de cada indivíduo se comunicar em distintos momentos e contexto sociais.

Para tanto destacamos que existe uma serie de possibilidades para enfrentar o preconceito linguístico, através de uma ação conjunta intensificando o respeito às diferenças das diversas variações linguísticas, para que posteriormente, reflitam esse assunto principalmente no espaço escolar da sala de aula abordando diferentes usos da oralidade e pratica de ensino.

No decorrer da pesquisa houve o cumprimento de todos os objetivos, sendo eles: mostrar se há preconceito sobre alunos da zona rural pelas suas variações linguísticas; identificar o uso de variações lexicais dos alunos oriundos da zona rural em sala de aula e verificar se os aspectos social e econômico influenciam nos possíveis preconceitos linguísticos de alunos migrantes da zona rural para zona urbana. Por conseguinte, verificou-se a confirmação de todas questões norteadoras, como: “Existe preconceito linguístico dos alunos da zona rural pelas suas variações linguísticas regionais?”; “Ocorre o uso de variações lexicais dos alunos oriundos da zona rural em sala de aula?” e “Como o aspecto social e econômico presente em sala de aula têm influencias nos possíveis preconceitos linguísticos sofridos pelos alunos que migraram da zona rural para zona urbana?”.

Portanto, para evitar maiores danos à liberdade de fala dos brasileiros, medidas precisam ser tomadas. O Ministério da Educação deve tomar medidas na modificação dos conteúdos escolares nacionais, assim a incentivando o debate direcionado acerca das variantes linguísticas nas aulas ministradas por professores de português, a fim de garantir que as variações que os alunos trazem do seu convívio familiar, evitem de ser falas cômicas ou erradas, ou seja, para que não seja desconstruída na mente dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES**, Irandé. Língua, texto e ensino: outra escola possível. Parábola Editorial, São Paulo, 2009. (Estratégias de ensino ;10).
- BAGNO**, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 49. ed. Edições Loyola, 1999.
- BAKHTIN**, Mikhail Mjkhailovitch. Estética da criação verbal [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl.] -2' cd.- Editora Martins Fontes, São Paulo, 1997.
- BRASIL**, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília, 144p.
- BRASIL**, Secretaria de Educação Fundamental: Parâmetros curriculares nacionais:terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Editora Cortez, São Paulo, 2007.
- FONSECA**, Luis Almir Menezes. Metodologia científica ao alcance de todos. 3 ed., Editora Valer, Manaus, 2008.
- GIL**, A. C. Método e técnicas de pesquisa social. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.
- GUEDES**, Ivan Cláudio. “Método Hipotético Dedutivo de POPPER”; Prof. Dr. Ivan Cláudio Guedes. Disponível em < <http://www.icguedes.pro.br/metodo-hipotetico-dedutivo-depopper/>>. Acesso em 28 de julho de 2019.
- IBGE** (2010). Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_sinopse.shtm>. Acesso em 28 de julho de 2019.
- MARCONI**, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia - 5. ed. – Editora Atlas, São Paulo, 2003.
- MEC/SEF**-Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, 1998.106 p.
- PEREZ**, Luana Castro Alves. “Variação linguística – A língua em movimento”; *Português*. Disponível em < <https://www.portugues.com.br/redacao/variacao-linguistica-linguamovimento.html>>. Acesso em 28 de julho de 2019.
- RIBEIRO**, Josela Veber. A variação linguística no ensino de língua portuguesa. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/96140/000919034.pdf?sequence=1>>. Acesso em 29 de julho de 2019.
- RIGONATTO**, Mariana. “O que é variação linguística?”; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>>. Acesso em 27 de julho de 2019.
- SÁ**, Edmilson José de. Estudos de variações linguísticas: o que é preciso saber e por onde começar. Editora Textonovo, São Paulo, 2007.

SEVERIANO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico - 23. ed. rev. e atual.
TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.